

## A NOVA HOLANDA DE JOÃO MAURÍCIO NO BRASIL: UM PARAÍSO TROPICAL DE TOLERÂNCIA?

*JOHN MAURICE' S NEW HOLLAND IN BRAZIL: A TROPICAL PARADISE OF TOLERANCE?*

*Antonius Gerardus Maria Poppelaars<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba*

### Resumo

A Nova Holanda, também conhecida como Brasil Holandês, é considerada até a atualidade como um paraíso tropical de tolerância. O objetivo deste artigo é discutir o governo do conde João Maurício de Nassau-Siegen, diante das discórdias entre protestantes, católicos, judeus e indígenas. A discussão é realizada a partir de livros e revistas. A conclusão não é unânime: A Nova Holanda não foi totalmente um paraíso tropical de tolerância. Mas, o governo de João Maurício foi para sua época, um oásis de tolerância e um porto-franco para as artes.

**Palavras-Chave:** Conde de Nassau. Conflitos religiosos. História colonial.

### Abstract

New Holland, also known as Dutch Brazil, is considered as a tropical paradise of tolerance up to the present. This article's objective is to discuss the government of John Maurice, count of Nassau-Siegen, regarding the disharmony between Protestants, Catholics, Jews and native people. The discussion is based on books and periodicals. The conclusion is not unanimous: New Holland was not quite a tropical paradise of tolerance. But John Maurice's administration was for its time, an oasis of tolerance and a haven for the arts.

**Keywords:** Count of Nassau. Religious conflicts. Colonial history.

Em 10 de maio de 1624 a cidade de Salvador foi tomada pela Companhia das Índias Ocidentais (CIO), fundada na República das Províncias Unidas, a atual Holanda. Outras partes do Nordeste do Brasil foram ocupadas logo depois.

O historiador inglês Charles Boxer, no seu livro "Holandeses no Brasil, 1624-1654" de 1961, explica que a colônia portuguesa não foi somente invadida pela riqueza. Portugal era nessa época uma dupla-monarquia com a Espanha com qual a Holanda vivia

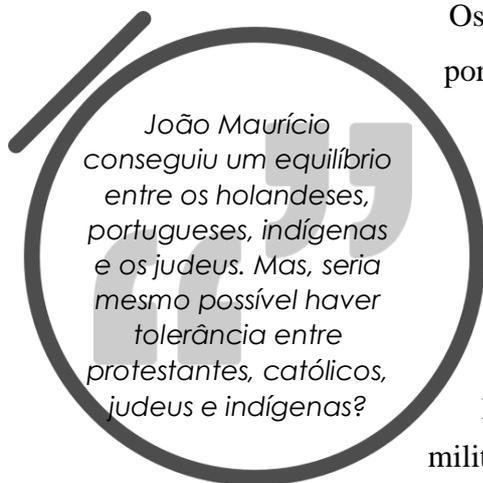
---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na área de concentração de Literatura e Cultura.

E-mail: [antoniuspopulus@gmail.com](mailto:antoniuspopulus@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4004-6914>.

uma guerra (1568-1648) pela independência da coroa espanhola e liberdade religiosa. A ideia, então, não foi simplesmente conquistar colônias, mas, sobretudo, enfraquecer o inimigo ibérico.



*João Maurício conseguiu um equilíbrio entre os holandeses, portugueses, indígenas e os judeus. Mas, seria mesmo possível haver tolerância entre protestantes, católicos, judeus e indígenas?*

Os holandeses tinham muitas dificuldades com os portugueses e indígenas no Brasil, até a chegada do conde João Maurício de Nassau-Siegen. João Maurício (Dillenburg, 1604), apelidado de “o Brasileiro”, como Mariana de Campos França menciona na sua tese de doutorado (2009, p. 75), foi governador da Nova Holanda (1637-1644). Voltou para Europa depois sua demissão e aceitou funções militares para os holandeses. Foi governador de Cleves

onde morreu em 1679.

João Maurício conseguiu um equilíbrio entre os holandeses, portugueses, indígenas e os judeus. Mas, seria mesmo possível haver tolerância entre protestantes, católicos, judeus e indígenas? Este questionamento é discutido a partir de livros e revistas.

Charles Boxer (1961) aponta que no Brasil Holandês, os portugueses católicos e os conquistadores calvinistas holandeses sentiam desconfiança e inimizade entre si, resultando em a proibição de procissões católicas, brigas e até assassinatos por ambos os lados. Em 1637 a situação se tranquilizou com a chegada do novo governador, o conde João Maurício. O conde era humanista, então acreditava na posição central do homem, religião foi menos importante. Ele enfatizava a tolerância, o desenvolvimento econômico, as artes e as ciências.

O importante pesquisador do período da ocupação holandesa Evaldo Cabral de Mello descreve em seu livro “Nassau (Perfis Brasileiros)” de 2006 que o conde construiu uma nova cidade, Maurícia, chamada modestamente depois dele, no atualmente Recife Antigo. João Maurício trouxe também cientistas para estudar o Brasil e pintores, que pincelaram, pela primeira vez, a natureza e indígenas do novo mundo.

Evaldo Cabral de Mello (2006) indica que o conde Maurício defendeu a moderação religiosa: os católicos podiam fazer as procissões. Os protestantes não precisavam ter medo de perseguição. Os judeus no Brasil não praticavam sua religião

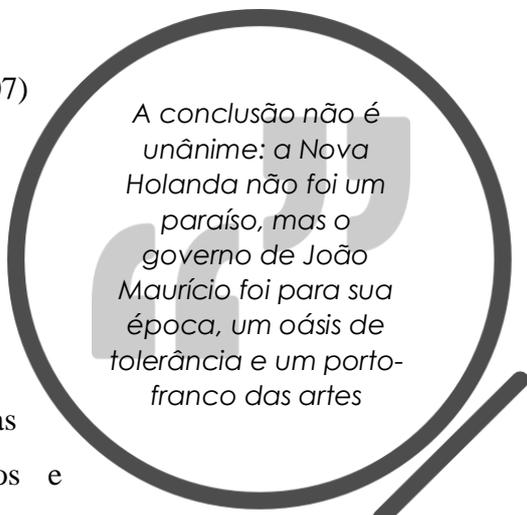
publicamente por medo de perseguição dos portugueses. No governo de Maurício foi possível praticar o judaísmo em público e uma sinagoga foi construída em Recife, a primeira das Américas.

Os indígenas eram tratados como selvagens e submetidos a escravidão pelos portugueses. Mas, segundo Evaldo Cabral de Mello (2006), o conde de Nassau considerou os indígenas como iguais e aceitou indígenas para servir no exército holandês, principalmente Potiguares e Tapuias. Essas tribos não confiavam nos portugueses e eles, sendo canibais, ganharam permissão de João Maurício para devorar os portugueses.

José Antônio Gonsalves de Mello, que ensinou na Universidade de Utrecht na Holanda e autor do clássico “Tempo dos Flamengos” (2007), adiciona que os Tupis, moravam em aldeias fundadas pelos holandeses, receberam educação escolar. Maurício instalou nas aldeias dos Tupis câmaras municipais de modo que os tupis tinham um certo governo autônomo.

João Maurício foi demitido em 1644 por desperdício financeiro e conduta imprópria; o conde culto era teimoso e um bêbado festeiro. Logo depois, os portugueses começaram a reconquista do Nordeste. Então, o governo de João Maurício criou um paraíso tropical?

José Antônio Gonsalves de Mello (2007) comenta que uma reconciliação verdadeira entre os católicos e os protestantes não aconteceu. A situação dos judeus foi melhor durante a estadia dos holandeses no Brasil pela liberdade religiosa no Brasil sob Maurício. Os indígenas receberam um tratamento melhor, mas havia holandeses que queriam escravizá-los e convertê-los ao protestantismo. Havia também tráfico de escravos africanos.



*A conclusão não é unânime: a Nova Holanda não foi um paraíso, mas o governo de João Maurício foi para sua época, um oásis de tolerância e um porto-franco das artes*

Mas, por outro lado, Charles Boxer (1961) declara que os tapuias chamavam Maurício “Irmão”. Vários tapuias seguiram o conde à Holanda, quando Maurício foi demitido. A conclusão não é unânime: a Nova Holanda não foi um paraíso, mas o governo de João Maurício foi para sua época, um oásis de tolerância e um porto-franco das artes.

### INDICAÇÃO DO AUTOR

BARLÉU, G. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

Doce Brasil Holandês. Documentário. Diretora: Monica Schmiedt. Elenco: Evaldo Cabral de Mello, Marcos Galindo, Daniel Breda. 2010. 52 minutos. Produtora(s): M. Schmiedt Produções. Roteiristas: Mirella Martinelli, Liliانا Sulzbach.

FREYRE, G. Sobrados e Mucambos. 15ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2013.

Revista História Viva, 1624-1654, Brasil Holandês. Edição Especial Temática n.6. São Paulo: Duetto Editorial, 2007.

### REFERÊNCIAS

- BOXER, C. R. **Holandeses no Brasil, 1624-1654**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1961.
- FRANÇOZO, Mariana de Campos. **De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)**. 2009. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2009. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/469951?guid=1674152071728&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1674152071728%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d469951%23469951&i=5>. Acesso em: 22 set. 2022.
- MELLO, E. CABRAL de. **Nassau** (Perfis Brasileiros). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MELLO, J. A. Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.